



Ciberjornalismo na lusofonia: Contribuições para um mapeamento¹

Fernando Zamith²
Ben-Hur Demeneck³
Isabel Reis⁴
Pedro Jerónimo
Catarina Osório
Xosé Pereira Fariña
Moisés Limia
Silvino Lopes Évora
Celestino Vaz Joanguete

Resumo: Trabalho de mapeamento de como cada país lusófono aproveita mais ou menos as potencialidades jornalísticas da internet. Categorias como multimídia e interatividade foram identificadas em 36 meios de comunicação virtuais de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Portugal durante o ano em 2013. A investiga-

¹ Este artigo é uma versão reduzida e adaptada ao português do Brasil do artigo “Ciberjornalismo na lusofonia: Contributo para um mapeamento”. O trabalho original está disponível no e-book “Interfaces da Lusofonia”, 417 p., editado por Moisés de Lemos Martins, Rosa Cabecinhas, Lurdes Macedo & Isabel Macedo (2014). O interesse é de divulgar esse estudo comparativo, enfatizando informações dos países africanos.

² Fernando Zamith (*ObCiber* – Polo Ciências da Comunicação, Universidade do Porto). É autor dos livros “Ciberjornalismo: As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses” (2008) e “A contextualização no Ciberjornalismo” (2013). Ambos publicados no Porto pelas Edições Afrontamento. Contato: zamith@gmail.com.

³ Ben-Hur Demeneck é doutorando do Programa em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM da ECA-USP). É orientando do Prof. Dr. Eugênio Bucci e recebe financiamento da agência CAPES. Em 2010, ganhou o Prêmio Adelmo Genro Filho. Contato: b.demeneck@uol.com.br.

⁴ Vinculação académica da equipe de investigadores: *ObCiber*/ Universidade do Porto (REIS; JERÓNIMO; e OSÓRIO); Grupo *Novos Médios*, Universidade de Santiago de Compostela, Galícia (FARIÑA; e LIMIA); Universidade de Cabo Verde e Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Cabo Verde (ÉVORA); e Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique (JOANGUETE). É preciso registrar nossos agradecimentos aos jornalistas Pedro Cardoso, Eduardo Lobão e Fernando Peixeiro, pelas preciosas informações sobre os cibermeios africanos.

ção reúne sete dos oito estados-membros da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (CPLP), a região da Galícia (Espanha) e veículos voltados a emigrantes (diásporas). Cada amostra “nacional” contou com quatro cibermeios e foi controlada por dois investigadores. A metodologia aplicada foi proposta pelo coordenador deste trabalho Fernando Zamith na tese *A contextualização no Ciberjornalismo* (Porto, 2011). Os resultados indicam e detalham uma separação existente entre o ciberjornalismo praticado na Península Ibérica/Brasil e países africanos.

Palavras-Chave: Ciberjornalismo; Lusofonia; CPLP; Mapeamento; Estudo comparativo.

1. Objetivos e Metodologia

A internet alterou profundamente hábitos de vida, de trabalho, de relação humana, de comunicação e de acesso ao conhecimento e à informação. Ponto central na sociedade contemporânea, a internet passou a assumir também um papel preponderante na produção, difusão e consumo de jornalismo. Se este é o cenário nos países desenvolvidos, já o mesmo não podemos dizer quando pensamos em países com baixas taxas de literacia e reduzido acesso à internet. A diversidade do espaço lusófono, abarcando distintos modelos de jornalismo, é igualmente indicativa de diferentes modos de produção ciberjornalística, que importa comprovar cientificamente.

O ciberjornalismo lusófono é ainda uma realidade pouco conhecida e estudada. Alguns investigadores têm-se debruçado sobre o jornalismo que se vai fazendo no Brasil, em Portugal e na Galícia⁵, mas são raros os estudos sobre as experiências de ciberjornalismo nos *Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (PALOP) e em Timor-Leste. Este estudo resulta do trabalho concertado de nove investigadores de vários países lusófonos, a maioria dos quais com larga experiência no estudo de cibermeios e, especificamente, na aplicação da metodologia escolhida.

A equipe integrou quatro investigadores do *Observatório do Ciberjornalismo* (ObCiber), núcleo sediado no polo da Universidade do Porto da unidade de investigação CETAC.MEDIA, e cinco investigadores de outros países lusófonos, entre os quais um membro fundador do grupo *Novos Medios*, que tem dedicado grande parte da sua investigação ao estudo dos cibermeios espanhóis, sobretudo os galegos. A equipe reúne também conhecedores da realidade do ciberjornalismo em Cabo Verde, Moçambique e Brasil, com trabalhos publicados dentro da área. Devido à dificuldade em encontrar espe-

⁵ A Galícia (em português luso, Galiza) é uma comunidade autónoma espanhola situada no noroeste da península ibérica em que se fala o galego; embora não seja consensual, há quem defenda que galego e português nunca realmente se separaram.

cialistas em ciberjornalismo na Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Timor Leste, o levantamento e a análise dos cibermeios desses países foram repartidos pelo conjunto da equipe.

O estudo abrangeu amostras de quatro cibermeios por país (sendo um deles um veículo originário da imprensa, um da rádio, um da televisão e um originário da internet) de sete dos oito estados-membros da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (CPLP), a que juntamos a Galícia, pela proximidade linguística. Timor-Leste teve de ser excluído da análise, pois, na fase de levantamento, não foram encontrados cibermeios em língua portuguesa (apenas em tétum e/ou inglês)⁶. Foi analisada também uma amostra de cibermeios produzidos nas/para as diásporas de língua portuguesa.

Utilizamos neste estudo a versão mais recente da metodologia proposta por Zamith (2011, p. 88-112) para medir o aproveitamento pelos cibermeios das sete potencialidades jornalísticas da internet (interatividade, hipertextualidade, multimidialidade, instantaneidade, ubiquidade, memória e personalização), tendo cada amostra “nacional” sido controlada por dois investigadores. A única alteração introduzida no quadro de análise foi a pontuação da variável “Noticiário adaptado a suporte diferente” (itens 42.1 e 42.2 do quadro metodológico) também como aproveitamento de ubiquidade, e não apenas de personalização. Desta forma, a pontuação máxima de ubiquidade passou de sete para nove pontos.

A coleta de dados decorreu entre 22 de abril e 08 de maio de 2013, período propositalmente curto para evitar um enviesamento nos resultados motivado por eventuais renovações de sites ou oscilações sazonais de cobertura noticiosa. Como recomendado pelo autor da metodologia, foram escolhidos preferencialmente dias úteis sem nenhum grande evento programado, que, eventualmente, pudesse deturpar os resultados. A adoção da dupla verificação, inédita na aplicação do quadro de análise escolhido, revelou-se vantajosa na confirmação de dados e na resolução de dúvidas quanto à pontuação de alguns itens, mas não se revelou eficaz na observação de algumas áreas, uma vez que observações em dias e horas diferentes resultaram, em muitos casos, em pontuações também diferentes. Por consenso de todos os elementos da equipe, adotou-se co-

⁶O tétum é uma língua austronésia com palavras derivadas do português e do malaio. Cibermeios consultados: <http://www.diariutimorpost.tl/>, <http://radioliberalidadedili.com/>, <http://suara-timor-lorosae.com/home>

mo critérios a atribuição da melhor pontuação das duas observações em cada variável no cálculo das áreas B (interatividade) e C (multimedialidade), e a sequência de pontuação mais favorável para cada cibermeio na área D (instantaneidade).

Na seleção da amostra, adotou-se como primeiro critério o cibermeio de cada uma das quatro origens (imprensa, rádio, televisão e internet) com maior audiência. Nos países/comunidades sem métricas credíveis de audiência online, foram escolhidos os títulos de maior audiência no meio tradicional de origem. Nos casos de ausência total de sistemas credíveis de medição de audiência de mídia, recorreu-se à percepção que os membros da equipe e/ou as fontes que contataram (em particular, outros investigadores e delegados da agência *Lusa* nos PALOP) para se informar quais cibermeios possuem maior audiência nesses países.

No total (ver Quadro 1), foram analisados 36 cibermeios entre 22 de abril e 08 de maio de 2013. Em alguns países, foi necessário substituir algum dos meios originais (rádio e/ou TV) pelo site da agência noticiosa nacional ou por outro cibermeio (de imprensa ou só online) devido à atividade intermitente ou mesmo inexistência na internet dos títulos oriundos dos meios audiovisuais. A amostra da diáspora ficou desequilibrada para o lado das comunidades portuguesas por dificuldade em encontrar cibermeios das outras diásporas, principalmente a galega e a cabo-verdiana, ambas de grande dimensão.

2. Análise dos Resultados

Sem grande surpresa, os resultados globais (Gráfico 1) apontam para a inexistência de um único padrão que caracterize o ciberjornalismo lusófono, porém assinalam haver uma clivagem clara entre o ciberjornalismo que se pratica na Europa e na América, onde há níveis mais altos de aproveitamento das potencialidades jornalísticas da internet em relação aos cibermeios da África e aos da diáspora.

Os resultados indicam uma relação direta entre diferentes níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo em cada país ou comunidade e seus respectivos níveis de desenvolvimento econômico, e podem ser explicados também pelas diferenças de acesso à internet, literacia midiática e hábitos de consumo de notícias. Numa análise mais detalhada, verificamos que nenhum país ou comunidade atingiu metade do aproveitamento máximo das potencialidades jornalísticas da internet e que, mesmo entre os PALOP, são

os países economicamente menos desenvolvidos (São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau) os que registam piores resultados.

Analisando por cibermeio (Gráfico 2), constatamos que apenas dois títulos originários de jornais diários (*Público* e *La Voz de Galicia*) ultrapassam os 50 por cento de aproveitamento das potencialidades da internet. Os quatro cibermeios portugueses estão entre os seis primeiros do ranking global, e no top 10 ficaram exclusivamente títulos de Portugal, Galícia e Brasil. Vale salientar que um quinto dos cibermeios ficou abaixo dos 10 por cento, dado revelador do desinteresse pelo meio online e/ou desconhecimento do seu potencial jornalístico.

Por potencialidade (Gráfico 3), verificamos que, à semelhança de outros estudos (ZAMITH, 2011, p. 122-210), a memória e a instantaneidade estão entre as potencialidades mais aproveitadas, enquanto as três menos aproveitadas, se excluirmos a criatividade (que valoriza potencialidades não previstas nas sete primeiras áreas do recorte de pesquisa), são, também nesta amostra, as que os teóricos frequentemente apontam como as mais importantes (interatividade, hipertextualidade e multimidialidade).

3. Caracterização do Ciberjornalismo Lusófono

O levantamento feito para a construção da amostra do estudo, complementado pela aplicação do quadro de pesquisa aos 36 cibermeios, permitiu-nos traçar um esboço das características do ciberjornalismo lusófono, aqui apresentado segmentadamente em países e comunidades.

3.1 Angola

Angola ainda dá seus primeiros passos no que diz respeito à internet. A penetração da internet em Angola está circunscrita a Luanda e, de forma irregular, em cidades como Huambo, Lubango e Benguela. Paralelamente, o país se debate com níveis de literacia muito baixos, agravados por hábitos reduzidos de consumo de notícias. Esse cenário ajuda a explicar o (ainda) escasso interesse na criação e desenvolvimento de sites jornalísticos.

Como afirma Salgado (2008, p. 65), a internet pode “fortalecer a sociedade civil”, ao tornar mais fácil o acesso a todo o tipo de informação:

E pode ser utilizada como uma fonte de informação alternativa às notícias controladas pelas autoridades (...). Acredita-se que a internet pode desempenhar um papel relevante na construção e na manutenção dos sistemas democráticos, precisamente porque tem um enorme potencial na criação de redes e na mobilização, e porque possibilita uma maior difusão da informação sobre as elites políticas, as suas medidas e sobre as opiniões contraditórias (SALGADO, 2008, p. 65).

Contudo, o potencial democrático não tem sido aproveitado da melhor maneira em Angola, quer pela reação de quem tem o poder, quer por atitudes defensivas de quem quer/deve denunciar os abusos do poder. A autora foca os casos de Angola e Moçambique, onde, para terem liberdade de criticar e para evitar represálias das autoridades, autores de blogs optam por não se identificar, usando “*nicknames*”. “Algumas publicações informativas online também preferem a segurança do anonimato. No site do *Angola24Horas* ou do *AngoNotícias* não existem referências (nomes e contatos) à equipa editorial”, nota Salgado (Ibidem). Muitas vezes, tal prática acaba por se voltar contra quem se refugia no anonimato, porque perde credibilidade.

Sem métricas de audiência fiáveis e com um leque variado de publicações online de duvidosa credibilidade, não foi fácil escolher a amostra para este estudo. No caso dos títulos oriundos dos meios audiovisuais, dada a escassez de alternativas, optou-se pelos sites da *Rádio Nacional de Angola* e da *Televisão Pública de Angola*, ambas estatais, mas, provavelmente, ainda com audiências superiores às estações privadas, como a *TV Zimbo*, a *Rádio Ecclésia* (da Igreja Católica), a *Rádio Mais* e a *Rádio Despertar* (associada à UNITA). Da imprensa, foi escolhido o *Jornal de Angola*, também estatal e apontado como o mais lido no país, superando títulos como *O País* e o *Novo Jornal*. O *Club-K*, o *Angonotícias* e o *Central 7311* foram as publicações noticiosas nascidas na internet identificadas como possíveis líderes de audiência, tendo a escolha recaído no mais popular, *Club-K*, abertamente antigovernamental (como também se assume o *Central 7311*).

3.2 Brasil

Para a seleção da amostra de cibermeios brasileiros foram utilizados os seguintes critérios: Instituto Verificador de Circulação (IVC), para a escolha do jornal *Folha de S. Paulo*; o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), para seleção da

Rede Globo e da rádio *CBN*; e relatório IBOPE/Nielsen divulgado em 2013, para selecionar o portal *UOL*. No caso da rádio, a escolha se deu entre as rádios *all-news*.

Na aplicação do quadro de análise, encontramos algumas dificuldades. O ponto mais relevante a comentar diz respeito às *Organizações Globo* por sua característica de conglomerado midiático que tem o canal televisivo como carro-chefe. Poderia ter sido escolhido o portal de notícias *G1*⁷, que é agregador de notícias da *Globo*, no entanto, a escolha foi pelo portal dedicado apenas ao segmento *TV*⁸, o que pode ter limitado uma maior pontuação dos recursos da internet, já que esse portal possui recursos bastante conservadores para poder seu público de centenas de milhões de telespectadores, de diferentes faixas culturais. Quanto ao cibermeio originário da imprensa, uma das dificuldades para a pesquisadora que fez o “*double-checking*” foi conferir o jornal *Folha de S. Paulo*, por haver uma limitação no número de acessos gratuitos. O primeiro pesquisador conseguiu fazer a consulta por ter acesso a um plano de assinatura de portal vinculado ao periódico.

Como resultados parciais, destacamos as seguintes observações: a) *Limitação da influência*: No Brasil, há pouca preocupação em se fazer um jornalismo que influencie outros países com seu noticiário. Tem havido um esforço maior na produção de conteúdo em inglês, mas ainda não algo sistemático. Apesar de haver um maior impacto global do país, o jornalismo ainda se concentra em assuntos de ordem nacional. B) *Internet como arquivo*: os cibermeios “tradicionalistas” tendem a se concentrar na replicação dos seus conteúdos, produzindo pouco material exclusivo para a internet. Ou seja, a internet ainda continua servindo mais como arquivo do que como meio de exploração das suas múltiplas possibilidades comunicativas.

3.3 Cabo Verde

No caso de Cabo Verde, os cibermeios são um pouco o reflexo do nível de penetração das novas tecnologias neste país. A realidade do ciberjornalismo cabo-verdiano é ainda muito marcada pelo texto e pelo fraco recurso ao multimídia. Mesmo os vídeos que encontramos nos sites noticiosos cabo-verdianos são muitas vezes do *YouTube*, *SA-*

⁷ <http://g1.globo.com/index.html>

⁸ <http://redeglobo.globo.com/>

PO Vídeos ou outros canais, não existindo ainda muita produção própria nesta área ou mesmo articulação com outros elementos jornalísticos (p.e., texto).

Sendo o acesso à internet ainda difícil em Cabo Verde, e restrito a uma porcentagem ainda pequena da população, o grau de atualização da informação online tende a ser menor do que noutros países, às vezes com apenas uma atualização diária. Por outro lado, o grau de interatividade com o público é quase inexistente, ainda que os cibermeios se preocupem em fornecer informações úteis para os seus visitantes (tempo, trânsito, dicas de culinária). Dada a escassez de cibermeios, não foi difícil a escolha da amostra para este estudo – *Radiotelevisão Caboverdiana* (RTC), estatal, *Rádio Nova*, da Igreja Católica, *A Semana* e *Notícias do Norte* foram os quatro sites escolhidos.

3.4 Guiné-Bissau

A história e o percurso dos meios de comunicação em Guiné-Bissau refletem a instabilidade política e as dificuldades econômicas do país. Évora (2007) enumera um conjunto de motivos que contribuem para a não-proliferação da indústria midiática guineense: a frágil estrutura econômica do país, as diferenças étnicas, as deficientes redes educativas e a elevada taxa de analfabetismo, as carências técnicas ou humanas com que os meios de comunicação se defrontam diariamente, e as constantes violações da liberdade de imprensa – esta realidade afeta não só os meios públicos e privados, cuja periodicidade é frequentemente interrompida, como também os correspondentes estrangeiros e a recepção das emissões da *RDP* ou *RTP África*. A emergência do tráfico de droga e o reconhecimento de que a Guiné-Bissau será o primeiro “narco-estado” emergente do continente africano⁹ é referida pelas Nações Unidas (UNODC, 2007) como um fator que coloca em causa não só o processo de democratização do país como a própria liberdade de imprensa¹⁰.

⁹ “Guiné-Bissau apontada como ‘narco-estado emergente’”, *Diário de Notícias*, 26/12/ 2010, notícia na sequência dos documentos divulgados pelo *WikiLeaks*. Link a consultar:

http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1743129&seccao=CPLP.

¹⁰ Fontes: UNRI, ‘Tráfico de droga ameaça a consolidação da democracia na Guiné-Bissau, declara Ban Ki-moon’, 01.10.2007, <http://www.unric.org/pt/controlo-de-droga-e-prevencao-do-crime/12648>.

UNODC, ‘Cocaine trafficking in West Africa, The threat to stability and development (with special reference to Guinea-Bissau)’, December 2007:

http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/west_africa_cocaine_report_2007-12_en.pdf.

A Guiné-Bissau não tem jornais diários e o único semanário impresso nem sempre consegue manter a periodicidade. O *Gazeta de Notícias* (GZ) foi criado em 1997 e mantém um site atualizado. Ele foi escolhido por ser o único jornal impresso e ter uma versão online. Pouco antes da coleta de dados para este estudo, um editorial publicado online desmentia os rumores de que a última interrupção era definitiva:

Tal como a maioria dos órgãos da comunicação social, principalmente privados, as nossas condições de trabalho são precárias e, por isso, falta tudo, anúncios e publicidades para custear as despesas de funcionamento, apoios de parceiros de desenvolvimento do país (...). É nesse ritmo que operam os média, rádios e jornais, muitos dos quais, efectivamente, acabam por fechar as portas¹¹.

A estação pública *Rádio Difusão Nacional* (RDN), de Guiné-Bissau, continua sendo um dos órgãos privilegiados de informação no país, mas não tem site. O panorama radiofônico é composto por várias emissoras privadas ou comunitárias geridas por associações ou organizações não-governamentais ou ligadas a confissões religiosas. Alguns nomes de referência desapareceram ou os seus sites não estão acessíveis. Assim, foi selecionada a rádio *Solmansi*, que se intitula *Rádio Nacional da Igreja Católica*, a qual faz transmissões desde 2001 e apresenta um site com atualização diária de notícias. Pouco tempo após a coleta de dados, as emissões da *Solmansi* foram suspensas por ordem da entidade reguladora, devido a questões técnicas relacionadas com as frequências¹².

Guiné-Bissau tem apenas um canal de televisão, a *TGB*, criada em 1998, que pertence ao Estado e que está dependente do poder político (Évora, 2007, p.88). À data da coleta de dados para este estudo, o site não tinha conteúdos atualizados. Pouco tempo depois, a *TGB* lançou um novo site com um novo endereço. Quanto aos meios de comunicação exclusivamente digitais, não foi encontrado um único exemplo. Os que existem foram criados a partir do exterior. Uns têm produção própria, outros apresentam notícias sobre a Guiné que já foram divulgadas noutros meios de comunicação. Foi neste contexto que foi selecionado o *Novas da Guiné-Bissau*, fundado em 2012 e que se

¹¹ “Editorial”, 28/03/2013. Link: www.gaznot.com/

¹² “A.R.N manda fechar a RSM em 48 horas”, notícias Rádio *Solmansi*, 02/07/2013. Link: www.radiosolmansi.org/noticias-da-gb/900-arn-manda-fechar-a-rsm-em-48-horas

assume como “um diário de informação geral de referência”. Ele é feito por jornalistas oriundos da Guiné-Bissau.

É de referir ainda que, tal como em todos os países africanos de expressão portuguesa, há vários blogs que assumem um caráter mais ou menos noticioso, mas com um forte pendor opinativo. Eles apresentam alguma atualização, sendo que a maioria é feita por jornalistas ou por guineenses que vivem fora do país. Essas particularidades limitaram a seleção da amostra, que acabou por ficar reduzida aos meios que se vão mantendo em funcionamento apesar do contexto político e econômico da Guiné-Bissau.

3.5 Moçambique

Os primeiros jornais eletrônicos surgidos em Moçambique eram inicialmente distribuídos por fax, com meios muito modestos e pequenas equipes de apenas três a quatro jornalistas (ZAMITH, 1999, p.2). O mercado desses jornais era bastante reduzido, pois eram distribuídos sobretudo pelas embaixadas, organizações não-governamentais, empresas e instituições do Estado, gestores seniores das empresas públicas e outros profissionais. A condição essencial para receber os jornais era ter um aparelho de fax ou conta de correio eletrônico (email), e poder pagar uma quantia que variava entre 20 e 60 dólares norte-americanos por mês (ZAMITH, 1999, p.3).

Pequenos jornais distribuídos por fax, como *Tribuna Fax*, *Vertical*, *Media Fax*, *Correio da Manhã*, *Diário do País*, *Diário de Notícias*, *Pungue*, *Ponto Zero*, *Expresso*, *Canal de Moçambique*, *Diário Independente*, *Diário da Zambézia*, *Wampula Fax*, entre outros, têm uma circulação de cerca de 500 a 600 exemplares. Porém, a dificuldade em controlar a sua reprodução e reencaminhamento eletrônico têm prejudicado em grande medida as empresas jornalísticas que os produzem.

A migração de alguns jornais moçambicanos para a internet tem sido feita com muitas dificuldades. A primeira dificuldade está associada ao aspecto técnico de produção, ou seja, a adaptação do discurso jornalístico ao novo meio; a segunda está relacionada com os recursos financeiros para arcar com as despesas de manutenção; e a terceira tem a ver com a mudança do perfil do jornalista para o novo modelo de jornalismo. Como alternativa para marcarem a sua presença no ciberespaço, alguns meios de comunicação moçambicanos publicam blogs. A opção por um blog é justificada em termos

de custo e manutenção reduzida. Por outro, individualmente, as pessoas mais instruídas da sociedade moçambicana foram se apropriando da blogosfera para expressarem as suas opiniões, críticas e análises dos fatos sociais, políticos ou mesmo para transformá-los numa espécie de diário ou de lugar de expressão poética.

Como foi possível confirmar neste estudo, o investimento tecnológico para a modernização dos meios de comunicação, particularmente os do Estado ou compartilhados pelo Estado – *Jornal Notícias*, *Rádio Moçambique* e *Televisão de Moçambique* – ainda não têm grandes reflexos no aproveitamento das potencialidades de internet, particularmente a multimídia. Para a situação de Moçambique, onde quase 60% da população é analfabeta, a multimídia tem a maior importância, graças ao sucesso da telefonia móvel junto das populações de baixo rendimento (FIDALGO, 2013). A taxa de penetração dos celulares na população africana, relatada por Jensen (2008), tem-se revelado muito importante junto da população rural e abre oportunidade para os cibermeios aproveitarem as suas potencialidades comunicativas para atingirem a audiência marginalizada pelos media tradicionais (LEVINGSTON, 2011).

Jornal Notícias, *Jornal @Verdade*, *Rádio Moçambique* e *Televisão de Moçambique* foram os meios selecionados para este estudo. Os títulos oriundos da imprensa, rádio e televisão foram escolhidos pela sua longa tradição histórica no cenário midiático moçambicano. O jornal *@Verdade* foi escolhido pelo fato de ser um dos cibermeios que introduziu, em 2008, uma nova forma de fazer jornalismo – jornalismo participativo e próximo do cidadão – e pelo fato de apresentar uma redação nativa no meio digital. Na realização deste estudo, as principais dificuldades encontradas foram os entraves burocráticos no acesso à informação dos órgãos públicos e à subcontratação de pessoas externas aos cibermeios, especialmente as da área de informática, para gerir e efetuar a manutenção das páginas online.

3.6 Portugal

Helder Bastos (2009, p. 2513) divide os primeiros 12 anos do ciberjornalismo em Portugal em três fases: “a da implementação (1995-1998), a da expansão ou ‘boom’ (1999-2000) e a da depressão seguida de estagnação (2001-2007)”. A crise econômica que emergiu em Portugal, sobretudo a partir de 2011, provocou demissões de jornalis-

tas, fechamento de órgãos de comunicação, queda das receitas de publicidade, falta de investimento em edições online. Foi em plena “quinta fase do ciberjornalismo português”, caracterizada pela crise econômica, que este estudo se realizou. A amostra escolhida teve por base os dados de fevereiro de 2013 do ranking *Netscope*¹³, tendo sido selecionados os títulos de jornalismo generalista de maior audiência online provenientes da televisão (*RTP*), rádio (*Renascença*), imprensa (*Público*) e internet (*SAPO Notícias*).

Apesar do cenário descrito, o ciberjornalismo português revela uma maturidade claramente superior à maioria dos restantes países de língua portuguesa. Instantaneidade, personalização e multimídia são as potencialidades mais aproveitadas pelos cibermeios portugueses. Uma grande dificuldade na observação continua a ser o acesso aos arquivos, alguns dos quais mal organizados, confusos e, por vezes, com problemas no funcionamento. Com a mesma pesquisa, obtemos resultados diferentes em dias diferentes e/ou com utilizadores diferentes. O uso do hipertexto é ainda tímido, apesar de agora mais frequente.

3.7 São Tomé e Príncipe

A realidade de São Tomé e Príncipe no campo dos cibermeios é muitíssimo primitiva, como pudemos constatar pelos resultados deste estudo. Não só do ponto de vista da estrutura dos cibermeios, como da sua atualização. Nas áreas mais definidoras do ciberjornalismo, interatividade, hipertextualidade ou multimídia, os cibermeios são-tomenses estão ao nível dos primórdios do ciberjornalismo, dos anos 1990, o que significa um atraso acumulado de 20 anos.

A escassez de sites noticiosos dificultou a construção da amostra, principalmente porque a única televisão do país, *Televisão de São Tomé e Príncipe*, estatal, não tinha site. No período de coleta de dados, o site da *Rádio Nacional de São Tomé e Príncipe*¹⁴ não estava acessível, pelo que foi substituído pelo site da *Agência Noticiosa STP-PRESS*. A amostra ficou completa com as edições online dos jornais *Vitrina* e *Jornal Tropical* e com o único título encontrado nascido e existente apenas na internet, *Téla*

¹³ http://www.netscope.marktest.pt/ranking/Fev13/Rank_Fev_2013_Visitadas.htm

¹⁴ <http://www.rnstp.st/>

Nón. Não foi integrado na amostra o *Jornal ST*¹⁵, por funcionar como página subordinada ao site português *Jornal Digital*.

3.8 Timor-Leste

O ciberjornalismo de Timor-Leste reflete bem a realidade do mais novo estado-membro da *Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa* (CPLP), onde a comunicação é feita na maior parte das vezes em tétum. No levantamento feito para este estudo, apenas conseguimos detectar três publicações classificáveis como sites noticiosos – *Timor Post*¹⁶, *Radio Liberdade Dili*¹⁷ e *Saura Timor Lorosae*¹⁸, mas nenhuma delas contém conteúdos em língua portuguesa. Desta forma, fomos forçados a excluir Timor-Leste do âmbito do estudo, por este ser focado precisamente no ciberjornalismo em língua portuguesa.

3.9 Galícia

A Galícia é um cenário tradicional e pouco dado à experimentação jornalística, no qual as indústrias da informação foram caracterizadas historicamente pela sua inércia, por não aceitar de bom grado as inovações e por tentar manter o “*status quo*” a todo custo. O caso galego é de particular interesse porque este reacionário imaginário coletivo é confrontado com a emergência das redes sociais e das novas formas de interação e comunicação.

Os principais meios de comunicação da Galícia foram obrigados a mudar pela grave crise econômica (vinculada a um declínio alarmante das receitas de publicidade) e uma das medidas tomadas foi a integração de redações (confluência das redações do cibermeio e da versão impressa). A aposta na integração, em vez de uma convicção dos empresários da informação, responde às necessidades de redução de despesas. Lembre-se que, desde 2009, as receitas de publicidade dos meios de comunicação na Galícia têm diminuído gradualmente (atualmente, a queda é superior a 30% do volume de negócios) e os seus planos de expansão e diversificação têm sido abrandados, especialmente no

¹⁵ <http://www.jornal.st/>

¹⁶ <http://diariutimorpost.tl/>

¹⁷ <http://radioliberaladedili.com/>

¹⁸ <http://suara-timor-lorosae.com/>

domínio da televisão digital terrestre. A crise tem feito com que as grandes corporações de comunicação na Galícia, paradoxalmente, focalizem-se na sobrevivência dos seus meios impressos, deixando de lado as novas oportunidades de negócio oferecidas pela internet. Optaram-se por figuras ou fenômenos encontrados na convergência de tecnologias (tais como, por exemplo, o jornalista multimídia ou multitarefa, que elabora informações para os jornais, para o cibermeio e até mesmo para a televisão) e não foi por convicção, mas porque, assim, pode-se economizar custos e recursos humanos e minimizar perdas.

Identificamos duas tendências (aplicáveis a nível internacional, para outras realidades geográficas mais ou menos distantes) que chamamos: “estratégias de conservação” e “estratégias de renovação”. Na verdade, as primeiras estratégias são as que historicamente têm definido o panorama comunicativo da *Comunidade Autônoma da Galícia*. A segunda delas é muito recente e é resultado da combinação de uma recessão econômica que estrangula os meios de comunicação com as possibilidades oferecidas pelas inovadoras redes sociais do jornalismo do século XXI. A falta de definição da profissão e a busca desesperada de um modelo de negócio rentável conduziram ao nascimento de novas experiências. Os meios de comunicação galegos historicamente têm contado com subsídios e apoio institucional. Agora, com a crise econômica, parecem surgir iniciativas de renovação do jornalismo. Talvez este seja um dos pontos positivos da crise econômica que afeta a Europa com particular virulência.

3.10 Diásporas

A ideia inicial de inclusão de cibermeios produzidos por e/ou destinados a emigrantes de países de língua portuguesa teve em vista completar todo o panorama do ciberjornalismo lusófono e, simultaneamente, verificar que papel a língua assume na produção e consumo de notícias pelas diásporas lusófonas. Em complemento, tínhamos curiosidade em saber até que ponto esses cibermeios se beneficiam dos (ou estão contrangidos pelos) níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo nos países de acolhimento das comunidades lusófonas.

O nosso objetivo ficou, contudo, prejudicado logo no levantamento dos cibermeios das diásporas de língua portuguesa, uma vez que a maioria de sites que encon-

tramos eram dinamizados por e/ou direcionados a comunidades portuguesas. Não foi possível integrar na amostra cibermeios de outras importantes diásporas lusófonas, como a cabo-verdiana e a galega. No momento de seleção da amostra, também já não estava ativo o *Notícias Lusófonas*¹⁹, cibermeio que, porventura, melhor representaria a realidade global que pretendíamos analisar. Foi possível, no entanto, incluir um cibermeio com âmbito geográfico alargado à maioria dos países de língua portuguesa: o *PALOP News*, sediado no Reino Unido. A amostra ficou completa com os sites da *Rádio Alfa* (sediada em Paris), *Mundo Português* (sediado em Lisboa) e *Mundo Lusíada* (sediado no Brasil). A diversidade de origem dos cibermeios foi o principal critério utilizado para a seleção da amostra das diásporas lusófonas.

4. Conclusões

A concretização deste estudo, necessariamente de caráter exploratório, confirmou os nossos maiores receios quanto à escassez de investigação sobre a maior parte das “peças” que compõem (ou poderão vir a compor) o “*puzzle*” do ciberjornalismo na lusofonia. O levantamento que fizemos, ainda que não tão exaustivo como seria desejável, fez-nos alertar para a necessidade de um acompanhamento mais permanente da evolução do ciberjornalismo nos países e comunidades lusófonos, não só pela importância de “fixar” momentos históricos (através, principalmente, da coleta de depoimentos e da coleta de documentos que correm sério risco de se perder), mas também pela riqueza do conhecimento que se pode obter de realidades que são muito dinâmicas, fruto mais de instabilidade política e/ou econômica e não tanto, como acontece noutras geografias, da evolução tecnológica.

Em resposta às nossas perguntas de partida, foi sem surpresa que concluímos que os resultados do estudo empírico apontam para a inexistência de um único padrão que caracterize o ciberjornalismo lusófono. Concluímos também que há uma clivagem clara entre o ciberjornalismo de língua portuguesa que se pratica na Península Ibérica e no Brasil, com níveis mais altos de aproveitamento das potencialidades jornalísticas da internet, e o que existe nos PALOP, com os valores mais baixos. Esses resultados indicam haver uma associação entre os níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo em

¹⁹ <http://www.noticiaslusofonas.com/> – sem atualização desde 30/01/2013.

cada país e os respectivos níveis de desenvolvimento econômico, acesso à internet e literacia midiática. Também merecedor de estudos mais profundos é o ciberjornalismo nas diásporas de língua portuguesa, uma vez que o desequilíbrio da amostra analisada não nos permite tirar conclusões seguras sobre esta realidade.

Apesar das características peculiares dos dois padrões de ciberjornalismo lusófono identificados, notamos similitudes com os resultados de outros estudos, no que diz respeito às potencialidades mais e menos aproveitadas, destacando-se nas primeiras a memória e a instantaneidade e nas últimas a interatividade, hipertextualidade e multimídia. No entanto, para os defensores do diálogo intralusófono e da expansão da língua portuguesa na internet e no mundo, a “má notícia” deste estudo terá sido o fraco aproveitamento da ubiquidade, agravado pela ausência em Timor-Leste de sites noticiosos em língua portuguesa.

5. Referências bibliográficas

- BASTOS, H. (2009) ‘Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal’, http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/253/230 (03-03-2010).
- ÉVORA, S. L. & Sousa, H. (2007) ‘O mapa político e a liberdade de imprensa na Guiné-Bissau’, **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, 79-92, <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/718>.
- FIDALGO, A. (2013) ‘Celular como rádio de pilhas na era da internet. Rádio IP no celular’, <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/98> (25-05-2013).
- JENSEN, M. (1998) ‘Bridging the Gaps in Internet Development in Africa’, **International Development Research Center**, http://www.idrc.ca/en/ev-11174-201-1-DO_TOPIC.html (01-10-2010).
- LEVINGSTON, S. (2011) **A Evolução dos Sistemas de Informação em África: Um Caminho para a Segurança e a Estabilidade**, Washington: Centro de Estudos Estratégicos de África, http://africacenter.org/wp-content/uploads/2011/09/ARP_2_POR.pdf (30-01-2012).
- SALGADO, S. (2008) ‘A Internet e o processo de democratização: os casos de Angola e Moçambique’, **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, 2008, p. 51-68.
- ZAMITH, F. (2011). **A contextualização no ciberjornalismo**, Tese de doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, defendida em 14 de dezembro de 2011 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57280>.
- ZAMITH, F. (1999) ‘Dos jornais-fax de Moçambique aos web-jornais’, **III Lusocom - Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação**, Universidade do Minho, Braga, 27-28 de outubro de 1999, <http://bocc.ubi.pt/pag/zamith-fernando-dos-jornais-fax-aos-web-jornais.html>.

ANEXOS

Quadro 1 - Sites analisados e distribuição da análise

		Avaliadores
Angola	http://www.rna.ao	FZ + BD
	http://tpa.sapo.ao	FZ + BD
	http://jornaldeangola.sapo.ao/	FZ + BD
	http://club-k.net/	FZ + BD
Brasil	http://www.folha.uol.com.br/	BD + IR
	http://redeglobo.globo.com/	BD + IR
	http://cbn.globoradio.globo.com/	BD + IR
	http://www.uol.com.br/	BD + IR
Cabo Verde	http://www.rtc.cv/	SE + CO
	http://www.radionova.cv/	SE + CO
	http://asemana.sapo.cv/	SE + CO
	http://noticiasdonorte.publ.cv/	SE + CO
Galiza	http://www.lavozdegalicia.es/	ML + PJ
	http://www.crtvg.es/tvg	ML + PJ
	http://www.crtvg.es/rg	ML + PJ
	http://www.galiciainconfidencial.com/	ML + PJ
Guiné-Bissau	http://www.radiosolmansi.org/	IR + SE
	http://www.gaznot.com/	IR + SE
	http://www.televisao-gb.net/	IR + SE
	http://www.gbissau.com/	IR + SE
Moçambique	http://www.tv.m.co.mz/	CJ + FZ
	http://www.rm.co.mz/	CJ + FZ
	http://www.jornalnoticias.co.mz/	CJ + FZ
	http://www.verdade.co.mz/	CJ + FZ
Portugal	http://www.publico.pt/	CO + ML
	http://www.rtp.pt/	CO + ML
	http://rr.sapo.pt/	CO + ML
	http://noticias.sapo.pt/	CO + ML
São Tomé e Príncipe	http://www.vitrina.st/	PJ + CJ
	http://www.jornaltropical.st/	PJ + CJ
	http://www.stp-press.st/	PJ + CJ
	http://www.telanon.info/	PJ + CJ
Diáspora	http://www.mundolusiada.com.br/	FZ + BD
	http://www.radioalfa.net/	FZ + BD
	http://www.palopnews.com/	FZ + BD
	http://www.mundoportugues.org/	FZ + PJ

Gráfico 1 – Percentagem de aproveitamento das potencialidades da Internet
(por país/comunidade)

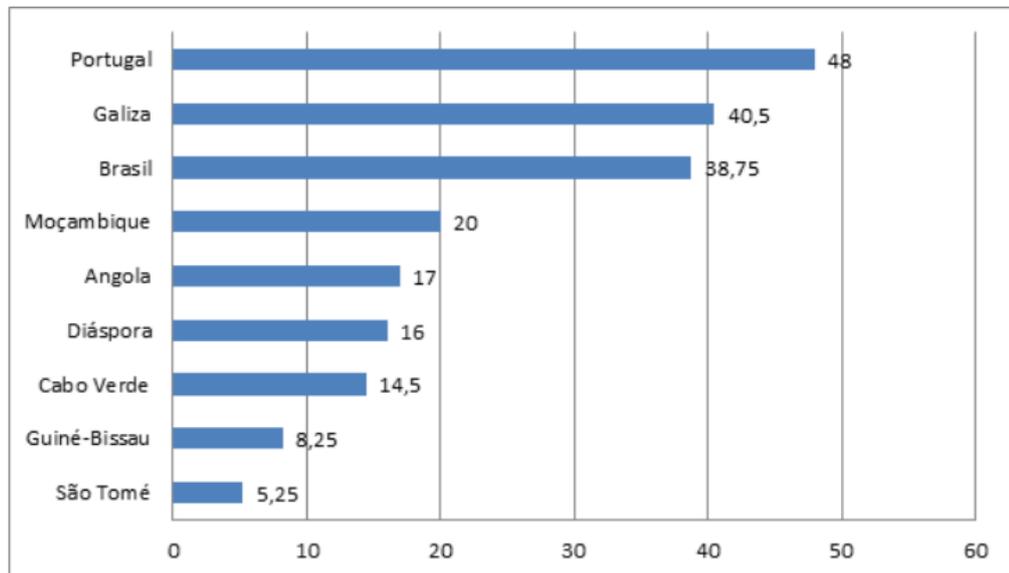
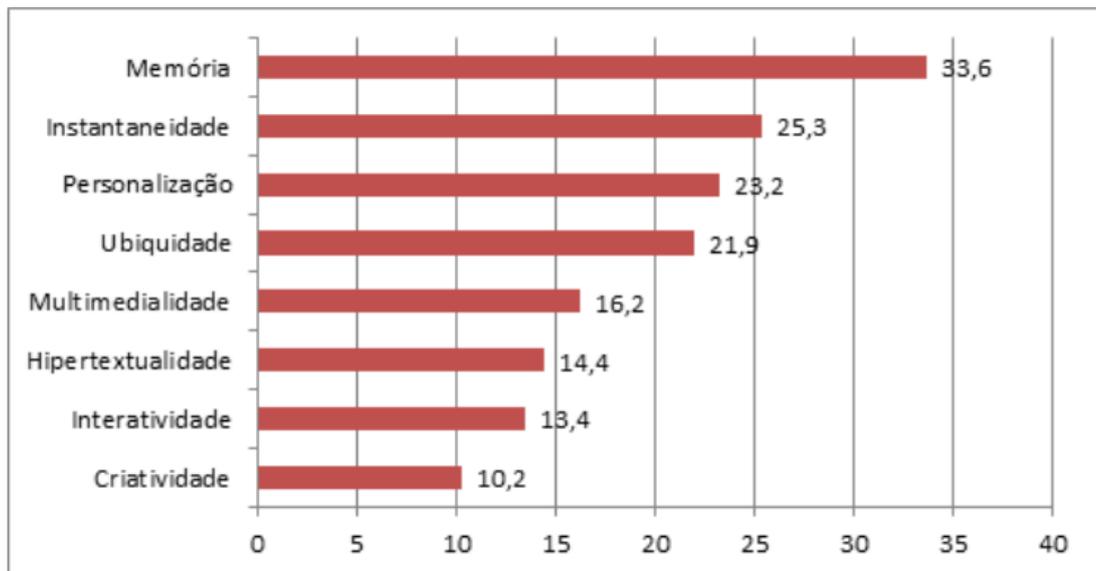


Gráfico 3 – Percentagem de aproveitamento das potencialidades da Internet
(por potencialidade)



Observação: o gráfico 3 está apresentado neste artigo antes do 2, propositalmente, por questões estéticas e porque se optou por não mudar a nomenclatura presente no artigo que foi apresentando no congresso *Interfaces da Lusofonia* (Minho, 2014).

**Gráfico 2 – Percentagem de aproveitamento das potencialidades da Internet
(por cybermeio)**

